

Fome encurta a vida de crianças em Brasília

Estatísticas da Secretaria de Saúde demonstram: mortalidade infantil aumentou desde 1984

FERNANDO PINTO
Da Editoria de Cidade

“rabecão já foi buscar o caixão no Instituto Médico Legal. O pai do anjinho é aquele senhor de boné que está chorando...”

O funcionário do cemitério de Taguatinga aponta o homem alto que enxuga discretamente as lágrimas no rosto com as costas das mãos. São quase cinco horas da tarde, quinta-feira, 26 de junho de 1986, data assinalada na guia de sepultamento do menino Manoel William, que falecera antes de completar cinco meses de vida. Endereço: Vila São José, barraco 26. Filiação: Sebastião Jerônimo, de 59 anos, e Dominga Romana Severo, de 39. Ele, a única pessoa presente ao enterro do filho. Ela, ausente por motivos alheios à sua vontade: “Minha mulher ficou em casa porque está muito doente”. Preço total do enterro, incluindo o caixãozinho e a sepultura: Cz\$ 150,00, por sinal o mais barato. Mas quem pagou foi a Fundação das Pioneiras Sociais.

— Fico com vergonha por não poder pagar nem mesmo o caixão de meu filho. Porém como podia pagar se não tenho dinheiro?

O repórter não pede satisfação, mas Sebastião Jerônimo faz questão de explicar: trabalhou bastante tempo no supermercado Jumbo, até que atingiu o limite de 35 anos “assinados na carteira”, o que lhe dava o direito de requerer aposentadoria: “Dei entrada no INPS tem mais de quatro meses, porém até hoje não recebi nada”. E para piorar sua situação financeira, daqui a pouco ele vai testemunhar sem nenhum consolo o enterro de seu filho na pequena cova de uma das três quadras destinadas aos indigentes infantis, conjunto de cruzes brancas de meio metro de altura se destacando sobre os montículos de terra escura.

— Eles estão morrendo em bandos que nem passarinhos! — diz um dos cozeiros.

A informação confere com a mais recente estatística da Secretaria de Saúde: de 1984 para cá, a mortalidade infantil aumentou em Brasília, que já teve o mais baixo índice do País. Conferindo também com a palavra “desnutrição”, que é a referência principal no item causa mortis da certidão de óbito de uma criança brasileira batizada com o nome de Manoel William, lembramos do desabafo feito na véspera por um patologista do IML: “Esses inocentes estão morrendo de fome”.

FOTOS ADALTO CRUZ



Cemitério de Taguatinga: povoado por túmulos de crianças natimortas ou com breve passagem pelo mundo dos vivos

Muitos sinônimos para uma causa

Se o substantivo abstrato “desnutrição” é sinônimo de vida curta para os recém-nascidos de um país que tem a sétima taxa mais alta de mortalidade infantil do mundo (no Nordeste, em cada grupo de mil crianças nascidas, cerca de 200 morrem antes de completar 1 ano), o também substantivo abstrato “fome” pode ser desdobrado em várias expressões técnicas que funcionam como eufemismos na grotasca realidade enfrentada diariamente pelos médicos plantonistas do IML: em plena capital federal, no coração da “cidade do futuro”, está aumentando o número de crianças pobres que morrem por fome.

— Na maioria dos casos, a fome é o quadro básico que começa na mãe e termina sempre matando o filho nos primeiros meses de vida ou até mesmo antes de nascer — explica um veterano patologista que pede a “missão de seu nome “porque não podemos dar entrevistas sobre o nosso trabalho”.

Se por um lado eles são proibidos, por outro são obrigados por exigência de lei a assinalar a causa da morte (causa mortis) em todas as certidões de óbitos emitidas pelo Instituto, documento sem o qual não se faz o sepultamento. No caso das crianças indigentes, as referências variam da prematuridade à anoxia perinatal, meras referências semânticas originadas do mesmo quadro clínico precário e alicerce do que o cientista social Josué de Castro caracterizou como “fome crônica”.

— Os sintomas são fáceis de identificar: cabelos finos e quebradiços; pele seca e escamativa, com tendência a manchas claras; palidez das vísceras; tecido adiposo; coração dilatado; estase do fígado; tubo digestivo pávido e atrofia da mucosa. Tudo isso pode degenerar para outras alternativas que provocam a morte precoce, até mesmo para a pneumonia. E a carência alimentar que provoca tudo isso...

O patologista interrompe subitamente o seu depoimento. Contra o rosto numa expressão de puro asco como se estivesse sentindo nas narinas o odor de carne estragada. E aí diz aquilo que quase todos os funcionários do IML estão enojados de saber:

— Ao se fazer a necropsia (abertura do cadáver), a cena chocante que salta aos olhos são os vermes vivos, remexendo-se nos pequenos ventres como se fossem um ninho de cobras prontas para dar o bote. Eles são terríveis. Comem a criança por dentro e resistem até ao formol, que é uma substância forte. O mais comum deles é o *Ascaris Lumbricoides*, mais conhecido popularmente como lombriga. Estes muitas vezes se antecipam às necropsias, saindo pelos orifícios do corpo de suas vítimas, seja pelo nariz, pelos ouvidos, pela boca.

POBRE MORRE ANTES

Ao contrário do que possa sugerir, o cemitério Campo da Esperança (Plano Piloto) não é exatamente uma seqüência das cenas tristes diaramente presenciadas pelos médicos na sala de necropsias do Instituto Médico Legal, muito embora seja de fato e de direito a sua extensão no macabro balanço da mortalidade infantil no Distrito Federal. Pelo menos no Serviço Funerário, localizado à esquerda do portão largo de entrada, o ambiente é descontraído e agradável. Não fosse pela decoração insubstituível de caixões mortuários novos postados junto à parede, o recém-chegado teria a impressão que acabou de entrar num pequeno templo ou na biblioteca de uma moderna universidade. No ar misturam-se os acordes de música clássica transmitida por uma bem afinada aparelhagem de som e o cântico de pássaros, estes em exibição ao vivo dentro de um viveiro do tamanho de uma sala, onde coabitam harmoniosamente codornas, pombas-rolas, juritis e outros pequenos animais.

Tudo isso é fruto do capricho do cearense Raimundo Mourão Carlos, 34 anos, de idade, sete dos quais como chefe do Serviço Funerário de Brasília, órgão vinculado à Fundação das Pioneiras Sociais (Secretaria de Saúde) e responsável pela administração dos seis cemitérios brasileiros. E a eficiência desse servidor público de aparência simples não se restringe ao visual do ambiente de trabalho. Ele sabe responder de cor e saltado a quase todas as perguntas que dizem respeito ao seu serviço, inclusive ao histórico do maior cemitério da capital federal, cujo espaço útil abrigará uma clientela até o ano 2.000.

— O Campo da Esperança nasceu e cresceu juntamente com a própria cidade. Entre as milhares de pessoas enterradas aqui, a sepultura mais ilustre é do doutor Bernardo Sayão, que faleceu em 1959 de acidente quando construía a estrada Belém-Brasília. Ele era um grande amigo de Juscelino e foi o primeiro a ser enterrado aqui. Quanto ao número de óbitos, dá para perceber logo de início que a maioria das sepulturas é de gente oriunda das camadas sociais menos favorecidas. Se pobre vive de teimoso, ele também consegue morrer mais cedo do que os ricos, bem mais cedo — principalmente as crianças.

GDF PAGA ENTERRO

A propósito de algarismos exatos, Mourão prefere não arriscar informação que não confira com a realidade. Aí então recorre às suas atualizadas estatísticas que incluem o movimento do dia: “Olha, até a esta hora de hoje (23 de junho, segunda-feira), foram enterradas só no Campo da Esperança exatamente 80.914 pessoas, o

que dá quase o dobro dos cemitérios de Taguatinga, Gama, Sobradinho, Planaltina e Brazlândia”.

Sem o mistério e receio característicos de diretores de repartições públicas quando falam com jornalistas, Mourão nada tem a esconder. Até muito ao contrário, providência rápida três pilhas de certidões de óbitos correspondentes a março, abril e maio deste ano. Além disso, cede uma das mesas de sua sala, na qual o repórter trabalha dois dias na pesquisa de óbitos infantis, a maioria enterrada na condição de indigentes às custas do Serviço Social das Pioneiras Sociais.

— Se é isso que o senhor está procurando, vai encontrar muitos...

— “Essa verba não estoura? — Claro que estoura. A verba para enterrar quem não pode pagar é de apenas 500 salários mínimos por ano, isso desde que a cidade foi fundada. Brasília tem hoje mais de 1 milhão e 500 mil habitantes, porém a verba continua a mesma. E como pobre acaba morrendo mais do que rico, o dinheiro é insuficiente antes do segundo semestre. Porém jamais qualquer pobre deixou de ser enterrado por isso. A Fundação das Pioneiras Sociais sempre cobre a diferença. E como o dinheiro é do governo, fica tudo em casa.”

A estatística do Serviço Funerário das Pioneiras Sociais registra um total de 503 pessoas mortas no DF só em março, 205 enterradas no Campo da Esperança (Plano Piloto), 169 em Taguatinga, 54 em Gama, 35 em Planaltina, 24 em Sobradinho e 16 em Brazlândia. Desse total, 165 correspondem a menores. Em abril o índice de falecidos sobe para 547. Até aí nenhuma novidade. O dado chocante diz respeito ao aumento de morte de menores, que subiu de 165 para 249, com um acréscimo de mais 84 menores falecidos. A dança macabra aumenta o seu ritmo no mês de maio, fazendo mais uma vítima no total em relação ao mês anterior: 548 mortes. E também o número de menores falecidos sobe para 256, 108 destes enterrados só no cemitério de Taguatinga, que atende também os óbitos da Ceilândia, de alta densidade populacional e por isso mesmo uma das mais pobres. Desse total de óbitos de menores no mês de maio, 107 enterros foram gratuitos, isto é, pagos pela Fundação das Pioneiras Sociais.

— E preciso não esquecer que na relação de menores se incluem crianças até 13 anos. Porém o número de crianças falecidas continua aumentando, incluindo os natimortos.

Segundo a opinião dos médicos do IML, natimorto é uma criança que morre pouco antes de vir ao mundo “por carência alimentar congênita”. Quer dizer: a fome está por perto.

A MORTE PRECOCE



Paranoá detém maior índice

Favela que nasceu vendendo Brasília do alto e que hoje se constitui num problema sem solução para as autoridades do GDF com cerca de 35 mil moradores, a Vila Paranoá lidera a estatística de mortalidade infantil no Distrito Federal com uma média anual confirmada de 39 crianças mortas antes de completar um ano de vida. Esse dado é de 1984, com a probabilidade de ter aumentado sensivelmente a julgar pelo depoimento insuspeito da médica sanitarista Corina de Freitas, 36 anos de idade, 10 anos trabalhando na equipe da Secretaria de Saúde que estuda o assunto com a maior preocupação de uns meses para cá depois da confirmação do aumento de óbitos infantis na capital do País, incidência constatada há dois anos:

— De mil crianças nascidas vivas em 84 no Distrito Federal, 23 delas morriam antes de fazer o primeiro aniversário. Pelos estudos preliminares que já temos de 1985, esse índice aumentou surpreendentemente para 25 crianças mortas por mil nascidas. E tudo leva a crer que essa linha vertical esteja subindo em 1986. Mas não podemos afirmar nada antes da compilação criteriosa dos dados que chegam ao conhecimento do Departamento de Saúde Pública. O que podemos afirmar com toda a certeza é que o fator perinatal é uma das maiores causas dessa triste realidade, com o peso da situação social da mãe contribuindo enormemente para a morte dos filhos.

Se a referência perinatal significa pré-disposição à morte precoce pela soma dos fatores sociais, que incluem ausência de pré-natal adequado, condições de saúde precária gerada pela pobreza e consequentemente pela fome — está perfeitamente explicado porque a Vila Paranoá é a campeã de mortalidade infantil em Brasília. E mais recente vítima desse intasmas cruel morreu a 20 de maio de 1986, conforme indicação na certidão de óbito de Mariana Ivoneide dos Santos, falecida no barraco nº 1428 da rua Ceará, tendo como causa mortis desidratação e gastroenterite aguda. Em pouco mais de um mês após o falecimento da menina Ana Ivoneide, Maria Alves, de 28 anos (a mãe), não pôde ser encontrada pelo repórter em seu barraco “porque tá trabalhando como doméstica pra anhar o pão pras crianças”. A informação é dada pela cearense Maria Floreti, de 51 anos (a mãe), que ficou em casa tomando conta dos outros três filhos sobreviventes de Maria: Alessandra, de 3 anos; Sandro, de 6; Sandra, de 7.

— A morte de minha netinha ou está doendo muito, porém o que a gente pode fazer se é a vontade de Deus? Mas nem todas as mães maradas pelo desaparecimento reconhece dos filhos se alimentam e esperança. E o caso de dona Juliana de Souza, moradora do barraco nº 749 da rua Silva. “Um sete filhos para sustentar só o mais velho ajuda”, ela não sabe como sobreviver a cada semana.

— A vida está cada vez mais difícil para o pobre, que não sabe como encher a barriga para ratar pelo menos a fome dos filhos pequenos.

Três dias na geladeira do IML

Na certidão de óbito, consta que a menina Maria de Lourdes Andrade morreu a 16 de maio de 1986, às 12 horas, em seu domicílio: barraco nº 149, invasão do Ceub. Maria de Fátima Andrade, de 27 anos (a mãe), não lembra da data da morte de sua filha de um mês de idade, mas não esquece de um fato marcante em sua dor:

— Minha menina ficou três dias na geladeira...

Ela chora sem saber que esta é a rotina legal para quem não tem documentos, nasceu e morreu um mês depois sob uma velha lona preta, isto por caridade do morador do barraco 149 que cedeu um pedaço de seu terreno para que a miserável gestante não desse à luz ao relento e tentasse sobreviver à fome. A dose foi pesada demais para uma menina que nascera raquítica e do tamanho de uma bonequinha de pano, o que vem justificar plenamente o laudo de causa mortis assinado por um médico do Instituto Médico Legal: desnutrição e desidratação.

No arquipélago de grotescos barracos de caixotes sem janelas e que têm como porta uma espécie de buraco por onde os moradores entram quase de cócoras, o drama da jovem mãe Maria de Fátima passou praticamente despercebido às 596 famílias cadastradas pela Associação dos Moradores da Vila Nova (rotulo da favela mais conhecida como invasão do Ceub), com um total de 1268 crianças. Não porque aquela comunidade não seja sensível à dor de seus vizinhos. E sim porque morte, miséria e lágrimas fazem parte da novela local. Por isso não foi fácil encontrar o paradeiro da mulher que havia perdido a filha há pouco tempo.

— Já sei quem é. Ela anda mendigando por aí, com a mãe e uma menina de três anos. Ela tem um companheiro barbudo, é um carroceiro desempregado porque atropelaram o cavalo dele.

Quem tenta nos ajudar é o presidente da Associação dos Moradores da Vila Nova, Raimundo João de Souza, um cearense de 33 anos mais conhecido

pelos crianças da invasão como Raimundo Careca, que nos ciceroneia durante mais de uma hora pelo mundo feio de uma favela localizada a menos de dois quilômetros da W-3 Norte. Agora estamos diante de uma jovem-velha que não se conforma com o fato de sua filha ter ficado três dias no IML. Mas ela não se dá conta que isso é quase nada diante de sua realidade atual, sem previsão de futuro próximo com melhores dias, a não ser que aconteça um milagre:

— Tou vivendo como Deus quer...

Pelo visto, dito e ouvido, o homem barbudo que está ao seu lado não está tão conformado assim. Sujo da cabeça aos pés, olhos azuis encovados no rosto magríssimo, o pernambucano João Alves de Souza recebe o repórter agressivamente, tentando explicar que não é um vagabundo qualquer. Na amassada Carteira Profissional há o registro de que ele tem 53 anos, mas a sua aparência é de quem tem uns 70.

— Eu tinha uma carroça e ganhava um dinheiro fazendo carretos. Porém, atropelaram o meu cavalo, quase me mataram e me levaram tudo. Só deixaram aquele carro ali.

O pai da menina que morreu de fome aponta uma velha Rural Willys estacionada no terreno de um vizinho, onde ele, a mulher, a sogra, uma filha de 3 anos e um cachorrinho se abrigam do frio à noite. De dia, cada um deles toma rumo diferente em busca de restos de comida e de alguns trocados que ganham como pedintes. E mais uma vez a fé funciona como esteleto daquela família sem eira nem beira, desta feita na boca de dona Iria Tenório de Jesus, de 50 anos, de jeito de 80, avó da menina morta:

— Deus vai dar um jeito na nossa situação. Ele já tá ajudando a gente pela mão da nossa vizinha Maria de Lourdes...

SOLIDARIEDADE

A menina magrinha de um mês de idade recebeu o nome de

Maria de Lourdes em homenagem à sua madrinha simbólica Maria de Lourdes de Araújo, de 26 anos, mineira de Nanuque que cedeu o fundo de seu barraco para a Rural Willys estacionar definitivamente. Grávida de quatro meses, tem ajudado como pode à família pernambucana.

— A gente tem pouco, porém não custa nada dividir com quem está precisando mais do que nós, não é?

De repente, a palidez da gestante se acentua ainda mais, ela fecha os olhos, baixa a cabeça e dá a impressão que vai ter um filho prematuro ali à nossa frente. A expectativa dura uns cinco minutos, enquanto o diálogo é interrompido. Maria de Lourdes se recupera pouco a pouco. E a sua primeira palavra vem com o objetivo de nos tranquilizar como se o maior problema fosse nosso:

— Não se preocupe que já passou. Foi só um ataque de asma. Ela está me matando, pouco a pouco. Éta doença braba, malvada que nem rico que não tem dó de ninguém.

Respira fundo e lembra emocionada o dia do enterro da Menininha Maria de Lourdes, lá no cemitério do Campo da Esperança. Foi a única a comparecer, isto depois de liberada a papelada no Instituto Médico Legal e formalidades próprias de um enterro gratuito.

— Foi uma coisa muito triste. Sem saber o que fazer, chorei muito. E a danada da asma me pegou pelo pé outra vez. Quando Deus permitir, vou lá visitar a minha afilhada.

Em pé ali sob o sol forte do meio-dia, a bondosa Madrinha Maria de Lourdes é o próprio retrato da mãe carente que está necessitando urgentemente de um tratamento pré-natal. E é ela mesma que justifica a tese de que a fome está matando precocemente as crianças:

— Tenho só 26 anos, porém já tive oito filhos, agora em vésperas de nove. Onde estão minhas crianças? Quando morreram. Das quatro que estão vivas, uma é aleijada da perna.



Maria de Fátima e o companheiro moram na Rural (ao fundo). Maria de Lourdes (D) tem asma

Sanitaristas estudam causas

Até o ano passado, justamente quando a linha vertical de morte fazia os seus estragos no DF, a equipe de sanitaristas da Secretaria de Saúde era apenas de três profissionais, praticamente uma gota de água perdida no oceano revoltado da mortalidade infantil brasileira. Ciente de que jamais poderia equacionar o sério problema com o insignificante grupo, o GDF resolveu contratar este ano mais 17 médicos sanitaristas, no momento empenhados em levantar o assunto em todos os seus ângulos. Assim, todas as causas estão sendo estudadas em profundidade. Entre essas relacionam-se os fatores perinatais (o mais forte), anomalias congênicas, doenças infecciosas e parasitárias, doenças do aparelho respiratório, doenças cerebro-vasculares, doenças cardíacas e neoplasmas. Uma coisa é certa, tornando-se um verdadeiro círculo vicioso: a fome, em suas várias formas, é o espectro da morte precoce

que subtrai milhões de vidas infantis na área do entorno e das cidades-satélites, contribuindo assim para subir o índice de mortalidade em crianças até um ano de vida, conceito universal do CMI — Coeficiente de Mortalidade Infantil. Quer dizer: quanto mais densa e mais miserável for a população de

determinada satélite brasileira, maior será o número de vítimas, conforme pode ser constatado no gráfico ao lado. Não obstante o Plano Piloto e satélites de bom nível de vida como Sobradinho e Guará tenham baixo índice, as respectivas contribuem para total cada vez mais alarmante.

CIDADES 1984	Nº DE NASCIDOS VIVOS	Nº DE ÓBITOS EM MENORES DE 1 ANO	TAXA DE MORTALIDADE/1000
Plano Piloto	9.167	123	13,42
Brazlândia	1.039	20	19,25
Ceilândia	9.601	254	26,46
Gama	4.510	151	33,49
Guará	2.296	42	18,30
N. Bandeirante	969	25	25,80
Paranoá	589	23	39,05
Planaltina	2.062	55	26,68
Sobradinho	2.162	70	32,38
Taguatinga	6.627	142	21,43
TOTAL DF	39.022	905	23,20

Amamentação, o antídoto eficaz

A julgar pelas suas três salas de mobiliário pobre quase escondidas no 7º andar do Edifício das Pioneiras Sociais, o Departamento de Recursos Médico-Assistenciais (DRMA) da Fundação Hospitalar não passa de um órgão decorativo. Mas nos primeiros cinco minutos de entrevista com o pediatra Mairon de Lima, 43 anos, 16 de profissão exercida em Brasília, o repórter descobre o contrário. O entusiasmo do médico do DRMA é contagiante. E, se depender de seu trabalho à frente da equipe que dirige, a guerra contra a mortalidade infantil do DF estará ganha ou pelo menos equacionada à disposição de uma ação rápida do governo.

— O negócio é que precisamos enfrentar a questão com a abrangência indispensável de causa e efeitos. Não adianta nada o governo gastar rios de dinheiro com assistência do

tratamento pré-natal, partos e etcetera na fase da gestação, caso não conscientize devidamente as mães sobre os cuidados essenciais que devem ter com seus filhos depois de nascidos. Se essa assistência pública só vai até aí, francamente é dinheiro jogado fora que deveria ser aplicado em outros projetos sociais.

O apaixonado pediatra cita como fatores principais da mortalidade infantil, no País e em Brasília, a falta de conhecimentos essenciais. E faz uma comparação oportuna porque morre mais criança no Paranoá do que no Lago Sul, quando as duas comunidades têm um grave problema em comum: ambas não são dotadas de rede de esgotos.

— As crianças não morrem no Lago Sul simplesmente porque se trata de uma população classe média bem informada, que sabe cuidar de suas fossas.

Otimista quanto à solução do problema bastando para tal uma conjugação de esforços com a participação do governo e apoiado por todos os segmentos da sociedade, Mairon Lima cita o caso de Cuba que em pouco tempo conseguiu baixar seu índice de mortalidade infantil, estando hoje bem próximo dos Estados Unidos. No quadro dessa conscientização coletiva, ele considera o mais importante dizer às mães que precisam amamentar os seus filhos.

— Uma campanha de profundidade ainda não foi desencadeada porque vai ferir vários interesses. Como a criança que mama não morre e não fica doente, primeiro contraria os médicos que perderão seus clientes. E depois vem a indústria de leite enlatado, de mamadeiras e bicos. E bote aí no seu jornal: criança que não se amamenta no peito da mãe morre precocemente.